



Vol. 4 nº 8 jul./dez. 2009
p. 113-124

HERÓI OU VILÃO? O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FRENTE À INDÚSTRIA CULTURAL

Nicole Roessle Guaita¹
(Universidade Federal do Paraná)

Marcelo Moraes e Silva²
(Universidade Federal do Paraná)

Resumo: Um dos aspectos mais evidentes no mundo contemporâneo é o lugar central ocupado pelos meios tecnológicos de produção e reprodução de informações, que abrem um espaço cada vez maior em nossas vidas, catalisando as emoções e posicionamentos diante o mundo e mostrando seu lado mais sombrio ao colaborar com a manutenção do *status quo*. Observamos a influência da Indústria Cultural nos mais diversos âmbitos, inclusive na escola. A partir disso discutimos o papel do professor diante dos meios de comunicação de massa: Herói ou vilão? A discussão parte do fato de que o professor está inserido nessa sociedade, sentindo e pensando a partir de seus pressupostos, muitas vezes comerciais, injustos e preconceituosos. O estudo parte então, na direção de uma maior valorização da formação do professor dentro da área de ciências humanas, partindo de uma reflexão sobre si mesmo e desta forma transportando-a para sua prática pedagógica.

Palavras-Chave: Educação Física, Formação de Professores, Indústria Cultural.

HERO OR VILLAIN? THE ROLE OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER FACE TO THE CULTURAL INDUSTRY

Abstract: One of the most evident aspects in the contemporary world is the central place occupied by the technological ways of production and reproduction of information. They take an always larger space in our lives, catalyzing our emotions and our attitudes facing the world and showing their gloomier side when collaborating with the maintenance of the status quo. We observed the influence of the Cultural Industry in several ambits, as well as in the school. Than we discussed the teacher's role taking the media in account: is he a hero or a villain? The discussion had as a starting point the fact that the teacher is inserted in that society, feeling and thinking according its concepts, often commercial, unjust and prejudicious. The study goes then, in the direction of a valorization of the teacher's education in humanities, starting from a reflection on himself and, so, transporting it into his pedagogic practice.

Keywords: Physical education, Teachers Education, Cultural Industry.

1. INICIANDO A CONVERSA

Na escola, várias informações, valores e valorações se entrecruzam, se contaminam e se combinam ou se repelem quando observamos o processo manifesto da aula, no qual o professor, embora orientado por um movimento de elevar os estudantes a uma formação (“Bildung”), tende a aderir às ideias e valores da classe dominante transmitindo-os como ideias e valores absolutos. (RAMOS DE OLIVEIRA, 1995, p. 126).

A prática de qualquer professor tem papel central no decorrer do processo pedagógico, na escolha dos conteúdos, na maneira como são ministrados, na forma como trata seus alunos, enfim em todos os posicionamentos tomados são significativos para a formação dos educandos. Contudo, gostaríamos de deixar claro, desde o início do texto, que não vemos o professor como o “Super-Homem”, muito menos como o “Lex Lutor” dos espaços educacionais, mas como um indivíduo que, como seus alunos, está exposto a vários mecanismos de controle, pois, além de sua formação técnica e acadêmica o docente leva para a “sala de aula” valores que adquiriu durante toda sua vida. Estes não estão separados de sua prática pedagógica. Entre eles podem estar os assimilados através da Indústria Cultural, já que este mecanismo global está cada vez mais presente em nossas vidas, frequentemente indicando-nos como devemos ser e/ou parecer. E antes mesmo que pensemos em questionar seus ditames encontramos-nos encantados com todos seus astros e efeitos especiais.

É importante ressaltar que todo conteúdo da Indústria Cultural não é “neutro” e geralmente contribui para a manutenção do *status quo*, ou seja, leva-nos a um conformismo generalizado diante da realidade estabelecida. Um exemplo disso é a passagem de Adorno e Horkheimer (1985, p.117), que cita o sempre igual roteiro das novelas:

Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. (...) A breve sequência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport* que é; a boa palmeada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali (...).

Entretanto, relacionando essa questão com a passagem do texto de Ramos de Oliveira (1995), citada como epígrafe deste texto, expressamos nossa preocupação perante a Indústria Cultural e, especialmente, com a sua presença e expansão no cotidiano escolar³, pois ela é visualizada através de valores e comportamentos de seus agentes, como também através das questões mais estruturais que envol-

vem a educação, como os recursos pedagógicos e suas propostas curriculares (CORDEIRO et. al. 2002, p. 35). Essas indicações sugerem que não são somente os alunos⁴ os afetados pela Indústria Cultural, os professores, aqueles que “poderiam” e que “teoricamente deveriam” estar “abrindo os olhos” dos educandos também têm reproduzido os valores desse mecanismo dentro do espaço escolar. Perguntamo-nos, então, qual seria o papel da educação e, mais especificamente do professor, frente à avalanche dos mecanismos informais de educação que produzem e reproduzem valores de acordo com o interesse daqueles que dominam os meios de produção.

Pensando mais especificamente em nossa área, a Educação Física, acrescentamos um importante elemento à discussão: a especulação realizada sobre a temática do corpo pelos mecanismos da Indústria Cultural.

O corpo, como diria Soares (2001), por ser uma tela tão frágil na qual a sociedade se projeta, poderia ser o ponto de partida, hoje, para pensar o humano e para preservá-lo. No entanto, ele tem sido instrumento para dividi-lo, aprisioná-lo e aliená-lo. Podemos observar esse fato nas inúmeras reportagens sobre moda, tratamentos estéticos e dietas que têm vendagem garantida, além das diversas revistas destinadas a “boa forma” que surgiram nos últimos anos. A mocinha da novela das oito, ou até mesmo a figurante que aparece apenas de relance, agora são os referenciais para a sonhadora adolescente, que a despeito da promessa de se tornar “popular” e “desejada”, compra desde o batom até o cereal que carrega como marca o nome da atriz da novela.

Mas o que teria a instituição “escola” haver com tudo isso? Não poderia ser uma de nossas alunas a adolescente deslumbrada com os *slogans* da marca de calça que promete “levantar seu bumbum” e torná-la mais *sexy*? Ou aquela aluna que desmaia durante uma aula devido à rígida dieta que se submeteu a fim de igualar-se à Gisele Bündchen? Ou ainda um garoto que pede conselhos ao professor sobre a “melhor” maneira de ficar “forte” e “sarado”?

Assim, convidamo-los para refletir conosco o papel do professor de Educação Física frente à Indústria Cultural? Abafar? Reproduzir? Questionar? Resistir?

Nas próximas linhas estaremos descrevendo uma experiência que vivenciamos na disciplina de Prática de Ensino com Estágio Supervisionado em Educação Física, no ano letivo de 2003, numa grande escola pública de Ensino Médio da cidade de Curitiba.

2. APROFUNDANDO A CONVERSA

Começamos este tópico apresentando a forma como os professores de Educação Física da escola escolhiam os conteúdos a serem ministrados durante o ano letivo. Eram os alunos quem decidiam qual modalidade praticariam em cada bimestre, entre elas Futebol, Handebol, Basquetebol, Voleibol e Ginástica, podendo, inclusive, participar da mesma modalidade durante todo o ano⁵. Entendemos

que a atitude da coordenação de Educação Física da escola em dar certa “liberdade” aos alunos para escolha do conteúdo era, na verdade, uma ilusão de escolha, pois, na maioria das vezes, tanto os conteúdos esportivos como os ginásticos exigem o domínio da natureza⁶, a começar pela disciplinarização através do sacrifício, ora visando o rendimento, ora objetivando o corpo perfeito, constituindo o mesmo logro apresentado pela Indústria Cultural a seu público:

Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. (...) O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. (...) As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão de concorrência e da possibilidade de escolha. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.116).

Dentre as modalidades, a que mais chamou nossa atenção foi a de ginástica, que por curiosidade abrigava somente meninas, justamente por trabalhar como eixo central às questões relacionadas à estética corporal e serem “teoricamente” as mulheres as mais exigidas quanto à beleza física e o corpo escultural⁷. Numa primeira impressão pode parecer que se trata de um conteúdo inovador, uma vez que atualmente a Educação Física ainda é muito confundida com o conteúdo de esporte. Entretanto, a ginástica foi o primeiro conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física no século XIX. Não se trata, portanto, de um conteúdo novo, mas que varia de objetivos conforme o ideário presente em cada época e contexto histórico. (BRACHT, et. al. 2003).

A ginástica é um conteúdo amplo que abre diversas possibilidades de trabalho: acrobacia, ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, ginástica geral, entre outras. Contudo, como modalidade de ensino da escola estagiada visou principalmente o corpo “sarado”, em boa forma, numa luta desenfreada contra seu maior inimigo, “as gordurinhas”. Enfim, os objetivos desse conteúdo tanto por parte das alunas como da professora eram os estéticos.

Entendemos que influenciados pela febre das academias de ginástica, os encaminhamentos das aulas eram a reprodução de movimentos mecanicamente elaborados e executados, como ocorre com o programa *Body Systems* no qual é construída uma determinada coreografia padrão que deverá ser aplicada nas academias pelos professores adeptos a esse sistema. Segundo Almeida (2003, p.74), estas atividades tais como os *Bodys* têm como características a lógica do sacrifício, da não-reflexão, do bloqueio e do empobrecimento da experiência formativa.

A Indústria Cultural, através da técnica, promoveu a padronização e a produção em série da obra de arte. No entanto não foi somente ela a atingida. O corpo também tem sido padronizado, “produzido em série” e conformado a exercícios pré-determinados que não respeitam suas particularidades⁸. A invasão destas práticas corporais, especialmente a das academias de ginástica, para dentro da escola, fica clara nos comentários de uma estagiária da Prática de Ensino: “Saímos da aula

sentindo-nos como se estivéssemos fazendo estágio numa academia e não numa escola". "Conversamos com a professora sobre o que abrange o conteúdo ginástico, dentro dos parâmetros da escola, e sua resposta foi qualquer coisa que tenha numa academia".

As aulas deste conteúdo foram todas realizadas na sala de ginástica da escola, localizada no 2º andar do ginásio, cercada por barras e espelhos. Os materiais à disposição eram uma pilha de colchonetes, alguns pesinhos de mãos, uma balança biométrica e um aparelho de som. No início das aulas, quase que automaticamente, as alunas entravam na sala, pegavam um colchonete e posicionavam-se em círculo esperando apenas a professora iniciar a contagem, ora dos exercícios para o glúteo ora para o abdômen.

As meninas realizavam os movimentos como soldados na contagem: UM, "olha o bumbum durinho", DOIS, "arruma a postura", TRÊS, "sem moleza!" e assim por diante. O cansaço era tanto que não sobrava tempo sequer para recuperar o fôlego, muito menos para refletir sobre o porquê da realização desses exercícios padronizados. Algumas alunas, no entanto, não conseguiam acompanhar, pois, já se encontravam excessivamente cansadas, mas eram "incentivadas", todavia, a continuar, pois se perdessem a contagem estariam fora do ritmo e o exercício não faria o efeito "desejado".

A postura das alunas frente a estas atividades demonstra a fragilidade e a facilidade com que aceitamos os pressupostos da Indústria Cultural, seja diretamente por ela ou por seus valores que estão difundidos por toda sociedade. E o pior é que achamos tudo muito "bonito". No ritmo alucinado do dia-a-dia não questionamos a marca de sabonete a ser comprado, embora sua garota propaganda tenha pele tão bonita. Da mesma forma não questionamos o porquê de os produtos *diet* e *light* serem mais caros, pois eles possuem algumas calorias a menos e nem as alunas questionam o porquê do sacrifício expresso pelo cansaço e o suor durante cinquenta abdominais.

A fim de incentivar as alunas a realizarem todos os exercícios, a professora dizia às meninas que o sacrifício era "momentâneo" se comparado ao sentimento de "missão cumprida" que viria após as aulas. Afinal, estavam queimando várias calorias, e, como elas desejavam, estavam deixando "seu corpo pronto para o verão", nas palavras de algumas alunas. Tal expressão nos faz lembrar várias reportagens sobre dietas e exercícios físicos, ou "dicas de beleza" que são exibidas constantemente em programas de TV e em páginas de diversas revistas, que ensinam quantas calorias comer e gastar justamente para não passar vergonha ao colocar um biquíni no verão. Podemos observar esta questão em quatro chamadas de reportagens na capa da revista Boa Forma: "Desafio de verão: dieta + exercício, plano de três meses para encarar o biquíni sem medo"; "Perca até 20 cm de barriga, quadris e pernas com nosso plano de verão, para você conseguir rápido um corpo de parar a praia"; "Cartilha de beleza para ser a musa da praia" e "30 dias para arrasar na areia".⁹

Em consonância com as atitudes da professora estava o fato de ela ter per-

mitido o uso de suas aulas para realização de uma pesquisa acadêmica que visava a coleta de dados referentes a peso e altura, para posterior cálculo de IMC (Índice de Massa Corporal), ou se preferirem para conferir quais as alunas estavam dentro e fora dos padrões considerados “ideais”.

Neste dia notamos que a preocupação com o peso era evidente no comportamento das estudantes que estavam ansiosas para saber se engordaram ou emagreceram. Uma das meninas, inclusive, quis pesar-se novamente em outra balança para verificar se realmente aquele era seu peso. Mesmo aquelas que estavam com o peso considerado “normal” pelos padrões apresentados pelos pesquisadores se preocupavam, pois se sentiam insatisfeitas com sua aparência física.

O episódio referido incomodou-nos, pois nenhum dos executantes da pesquisa, dentre eles professor e acadêmicos de Educação Física, davam indícios de estarem preocupados com o que aconteceria quando a aula terminasse e as alunas fossem para as suas casas¹⁰.

Após esse acontecimento, em conversa informal com algumas meninas, estas confessaram sofrer com a exigência do “corpo sarado”, chegando a atitudes extremas como a bulimia e anorexia¹¹. Muitas meninas relataram sentirem-se discriminadas por não estarem com o “corpinho ideal”, sentimento reforçado pelos comentários de colegas de classe que se aproximavam mais do padrão idealizado.

É indiscutível a tendência em padronizar, homogeneizar e massificar os indivíduos, transforma-los em números e encaixá-los em categorias pré-estabelecidas. Convivemos com estas situações pois ainda o positivismo científico apresenta grande inserção na área da Educação Física diminuindo os seres humanos a números, tabelas e gráficos. São inúmeras as pesquisas sobre *performance* física e composição corporal realizadas em escolas, transformando os alunos literalmente em “ratinhos de laboratório”, sem preocupar-se com sua formação e ainda ocupando o espaço das aulas de Educação Física que deveriam ter, na nossa opinião, como um de seus objetivos discutir os padrões e não de se adaptar a eles, pois os arquétipos tendem, assim como a Indústria Cultural, a homogeneizar e massificar todos os indivíduos.

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles vêem o corpo mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se esses já estivessem separados. *A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada.* (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.219 - grifos nossos).

Apesar das atitudes da professora inclinarem-se para uma reprodução dos

valores propagados pela Indústria Cultural - especialmente quanto ao padrão de estética corporal e saúde - e das alunas se mostrarem apáticas quanto ao assunto, não podemos colocar aqui um ponto final, afirmando que os sujeitos são uns “dopados” culturais em relação as mensagens emitidas por esse mecanismo.

Iniciada a atuação docente dos estagiários, pudemos observar uma mudança no olhar dos atores deste relato sobre a forma como a temática corpo era vivenciada. A proposta dos estagiários, após o período de observação, foi a de mostrar uma outra possibilidade de trabalhar o conteúdo ginástico e apresentar novas formas de compreender/sentir o corpo. Desta forma, as aulas priorizaram atividades rítmicas, de expressão corporal, debates e discussões sobre a temática referida. O intuito foi o de problematizar assuntos como padronização de movimentos corporais (especialmente nos movimentos rítmicos, danças), exaltação de um determinado modelo de corpo belo e saudável, restrição das atividades baseadas em movimentos técnicos, dentre alguns outros tópicos. Para isso, foi escolhido como ponto central para as discussões a influência que a Indústria Cultural exerce sobre a sociedade, sobre os pontos acima citados e especialmente como tudo isso está presente em nossas vidas.

Em princípio, houve receio por parte dos estagiários em colocar em prática estas ideias. Primeiramente, pelo desafio de passar da posição de aluno para a de professor, mas também por apresentar uma proposta diferente da trabalhada pela professora, além de sugerir aulas “teóricas” e não apenas “práticas” como as alunas estavam acostumadas. Contudo, as aulas tiveram uma “aceitação” maior do que a esperada. Claro que, num primeiro momento, muitas atividades barraram na in experiência dos estagiários e na desconfiança das alunas quanto à forma nova como o conteúdo estava sendo trabalhado, visto que rompiam com os modelos “tradicionais” das aulas de Educação Física.

Os estagiários atingiram seus principais objetivos traçados pela disciplina de Prática de Ensino, mas transcendeu-se a isso. Observamos uma mudança na postura das alunas e da professora, pois antes certos assuntos eram calados, reproduzidos e após as intervenções eles começaram a ser ditos e problematizados. Estamos cientes de que essa pequena mas significativa transformação não ocorreu por mérito dos estagiários e sim porque o debate sobre a temática corpo na perspectiva apresentada atingiu a cada uma das alunas e à professora pois, seja por estar acima ou abaixo do peso, por ser mais alta ou mais baixa todas tinham o que falar sobre o assunto. Suas angústias, dúvidas e até certezas foram colocadas em questão.

Num último momento foi proposta pelos estagiários uma atividade em que a turma era dividida em grupos e cada um recebia algum material relacionado ao tema corpo (imagens, reportagens, entrevistas). A proposta foi em primeiro lugar discutir internamente sobre o assunto e em seguida levá-lo ao grande grupo. Neste momento os estagiários mal conseguiram falar, as alunas tomaram conta da discussão pausada apenas pelas contribuições da professora que também questionou os padrões de movimento e modelos estéticos. Esse episódio nos faz pensar que a

professora passou a refletir sobre a sua própria prática pedagógica.

A partir desses acontecimentos levantamos cinco pontos que consideramos centrais a respeito da prática pedagógica da professora.

Primeiro, a Indústria Cultural tem como prerrogativa enfeitiçar o seu público de forma tão sutil que, muitas vezes, ele nem percebe o quanto está dominado por ela e a reproduz. O controle que as imagens e os sons têm sobre nós, não é produto apenas de uma exibição, mas sim de vários produtos culturais que nos tornaram tão familiarizados com os desempenhos exigidos, que eles acabam sendo automáticos: “A violência da Indústria Cultural instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da Indústria Cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-lo alertamente”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.119). E acrescentamos que os indivíduos não vão somente consumi-los mas também reproduzi-los. Além desta sutileza, há outro agravante que, assim como o vilão nos desenhos animados cai na teia do Homem Aranha, nós caímos na teia armada por esse processo de dominação.

Segundo, observando a empolgação com que a professora ministrava as aulas e falava da Educação Física cremos que realmente ela acreditava estar fazendo o melhor para suas alunas. Afinal, ela também é uma das vítimas do logro, da promessa de felicidade e prazer da Indústria Cultural, como lembram Adorno e Horkheimer (1985 p.131):

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio.

É presumível que com o corpo ela faça isso com grande primazia como descreve Melani (2002 p.48):

A mercadoria corpo obedece à lógica do sistema. O corpo é sempre entendido como uma função cuja incógnita é preenchida pelas necessidades da sociedade de consumo. Não se trata de um corpo real, mas de modelos aos quais a realidade corporal deve se ajustar. Este ajuste nunca é perfeito, pois sempre haverá distinção entre o corpo real e o corpo ideal. Por um lado, tal diferença alimenta a necessidade de aproximação, movendo o indivíduo ao consumo de bens que prometem tornar o corpo ideal e o corpo real próximos a ponto de parecerem uma coisa só; por outro, a pseudo-satisfação.

O autor acrescenta, ainda, que essa pseudo-satisfação, que seria uma satisfação nunca alcançada, gera uma angústia. Como a Indústria Cultural é fundamental nesse processo da “fabricação da angústia” podemos atribuir-lhe também essa característica, pois em todos os momentos ela vende a promessa da expectadora tornar-se parecida com a dançarina que tem um corpo escultural, como podemos

confirmar na reportagem sobre o “milagre da transformação”, editada pela revista *Veja*, em julho de 2004, a qual uma das entrevistadas disse colocar silicone, fazer aplicação de botox e lipoescultura a fim de se parecer com a dançarina Sheila Carvalho. As revistas, a TV, enfim, todos instrumentos utilizados pela Indústria Cultural, produzem um corpo e as formas como conseguiu-lo, ou melhor, vende-as. Essa esperança é inculcada na cabeça de todos nós promovendo uma corrida ao corpo belo, inclusive da professora e das alunas. Daí a necessidade e a vontade de querer fazer ginástica em busca de um corpo que traria uma felicidade tão falsa quanto o que as levaram a isso.

Terceiro, devido à falta de uma formação continuada muitos professores continuam com a mesma prática há anos. A Educação Física, contudo, mudou e a sociedade sofre constantes transformações. Numa tentativa de “estarem na moda” e atualizados alguns professores, como a do nosso caso, em vez de procurarem as discussões realizadas na área acadêmica¹², rendem-se às informações difundidas pela Indústria Cultural, pois, de acordo com Zuin (1998, p. 118), atualmente os indivíduos estão interessados no acúmulo de informações no menor espaço de tempo e fazendo o menor esforço, mediante o consumo de produtos culturais.

O quarto ponto perpassa conforme aponta Bracht et. al. (2003), pela questão da legitimação da Educação Física escolar, pois os professores, no intuito de garantia e legitimação para que a disciplina de Educação Física não saia de uma vez por todas do currículo escolar, trazem para suas aulas práticas relacionadas ao mundo *fitness* que possuem agregados valores pregados pela Indústria Cultural.

Já o quinto e último ponto indica que mesmo se detectando aproximações entre a prática da professora e a Indústria Cultural observamos um ponto que as distingue. A Indústria Cultural nega o novo, contenta-se com a reprodução do que é sempre o mesmo, com descrevem Adorno e Horkheimer (1985, p.126), “O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar”. Contrapondo-se a isso a professora mostrou-se em alguns momentos “resistente” à Indústria Cultural e aberta aos questionamentos e atividades propostos pela estagiária. Entendemos, então, que embora as observações demonstrem uma íntima relação entre a prática da professora e a Indústria Cultural, através de uma reprodução dos valores desta, ela se mostrou também crítica a todo esse mecanismo. Essa postura de resistência da professora nos mostra que é possível escaparmos deste esquematismo que a sociedade contemporânea no impõem e com isso buscarmos novas formas de visualizar o plano cultural, ou conforme aponta Bracht et. al. (2003, p.61), procurar as possibilidades no trabalho docente para que eles sejam o ponto de partida para a ocorrência de mudanças na prática pedagógica do professor de Educação Física.

3. O QUE FICA DA CONVERSA...

É hora de respirarmos fundo e recapitularmos os pontos principais deste texto, a fim de que ele possa alcançar o seu objetivo: o de contribuir para a formação do professor de Educação Física. Na atual fase social a Indústria Cultural tem ganhado um espaço cada vez maior e tem entrado em nossas casas e corações sem pedir licença. Somos bombardeados frequentemente com seus produtos que são absorvidos como que fizessem parte de nosso corpo, pois a compra de narizes da Graziela Schmit, peitos da Joana Prado, bundas da Juliana Paes, bocas da Daniela Cicarelli são uma realidade cada vez mais virtual. Realidade, pois alcançam os sentimentos dos expectadores. Virtual, já que a questão estética nunca foi tão especulada pelos meios de comunicação de massa. A palavra virtual poderia ganhar uma outra conotação, a de expressar o desejo vendido, mas nunca alcançado. Afinal, a indústria da beleza, do sexo, da saúde, e tantas outras vivem disso: da promessa enganosa e global que fazem a seus consumidores. A palavra então é virar estereótipo, consumir arquétipos, transformar-se em coisa que não pensa e apenas re-produz e colabora com a manutenção do *status quo*.

E a escola não está isenta destes valores propagados pela Indústria Cultural. Eles ultrapassam os muros da escola, tanto nos corpos dos alunos como nos dos professores. E aqui se encontrou a discussão que tentamos realizar, as visibilidades que tentamos expor e que principalmente devem estar abertas às representações de cada professor.

A partir da experiência da disciplina de Prática de Ensino perguntamo-nos: qual o papel do professor de Educação Física frente à Indústria Cultural? Herói ou vilão? Propositamente tal questionamento está no título deste trabalho. Após a discussão que realizamos, olhamos para trás e pensamos como estamos constantemente revendo e reconstruindo nossos pensamentos. Confessamos que ao observar as aulas de Educação Física de uma grande escola de Curitiba, percebemos uma reprodução dos valores propagados pela Indústria Cultural e não tivemos receio, em nosso pensamento, em apontar a professora como uma vilã. Ela é assim como todos nós produtos da Indústria Cultural e de todo sistema que está por trás dela.

Acreditamos, portanto na importância de uma formação docente na área de Educação Física mais próxima das Ciências Humanas, pois sabemos que como professores não seremos heróis, mas é preciso que estejamos capacitados para visualizar e delatar o funcionamento da Indústria Cultural dentre outros mecanismos de dominação política, a fim de nos tornarmos protagonistas e produtores de cultura e não somente reprodutores dos modelos apregoados pelo *status quo*.

Sendo assim, para finalizar o texto “emprestamos” a epígrafe do livro de Bracht et. al. (2003,p.7), que cita um trecho do romancista italiano Ítalo Calvino:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem

duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

4. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALMEIDA, E. C. Racionalidade, corpo e sofrimento: contribuições da Escola de Frankfurt para (re) pensar o corpo na história. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p.55-78, jan. /jun.2003.
- BRACHT, V. et.al. **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- CORDEIRO, J. F. et. al. Temas Transversais e Indústria Cultural: as oficinas culturais do I Since e as possibilidades de trabalho na escola. PEDROSO, Leda A. ; BERTONI, Luci M. (orgs). **Indústria Cultural e Educação [reflexões críticas]**. Araraquara: JM Editora, 2002, p. 29 – 45.
- GUAITA, N. R. **A relação entre a indústria cultural e a prática dos professores de Educação Física**: um estudo de caso. 2004. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Departamento de Educação Física – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.
- MELANI, R. Corpo, Objeto de Consumo. **Discorpo**. São Paulo, V.13, p.41-53, 2º. Semestre de 2002.
- RAMOS DE OLIVEIRA, N. A escola esse mundo estranho. In: PUCCI, B. (Org.). **Teoria Crítica e Educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1995. p.121-138.
- SOARES, C. L. Corpo, Conhecimento, e Educação: Notas Esparsas. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 109-129.
- TURCKE, C. A luta pelo logotipo. In: Duarte, Rodrigo & Figueiredo, Virginia (orgs.). **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- ZUIN, A. A. S. A indústria cultural e as consciências felizes: Psiques reificadas em escala global. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (Orgs.) **A Educação Danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1998. p.117-138.

Recebido em: 26/07/2009.

Aprovado para publicação em: 14/12/2009.

NOTAS

1 Professora Substituta do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná – Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de Pesquisa, Cultura, Escola e Ensino da Universidade Federal do Paraná. E-mail: nicoleguaita@yahoo.com.br.

2 Mestre em Educação, linha de Pesquisa, Cultura, Escola e Ensino da Universidade Federal do Paraná – Professor da Prefeitura Municipal de Araucária. E-mail: moraes_marc@yahoo.com.br.

3 Nossa intenção não é determinar como negativa ou positiva a presença da Indústria Cultural no espaço escolar. Apesar de tecermos alguns posicionamentos críticos sobre esta questão o nosso objetivo central é o de fomentar a discussão entre os professores de Educação Física escolar sobre a relação entre o referido mecanismo e sua prática pedagógica.

4 As contribuições de Christopher Türcke (2001), argumentam serem os adolescentes os mais suscetíveis aos logotipos difundidos pela a Indústria Cultural.

5 Queremos salientar que esta dinâmica se aplicava somente aos três primeiros bimestres, pois, no quarto todos os alunos eram obrigados a praticar o conteúdo de Natação, visto que o período do último bimestre era o relativo ao verão e seria “sensato” por parte dos professores utilizarem o espaço da piscina.

6 Mais detalhes sobre esse termo conferir o livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito por Adorno e Horkheimer (1985).

7 Não estamos afirmando que o atual descontentamento em relação ao corpo atinge apenas as mulheres. Os homens também são afetados por estas questões.

8 Referimos-nos aqui aos programas *Body Systems* que aglomeram numa mesma aula, num mesmo ritmo e frequência indivíduos de diversas idades e níveis de condicionamento físico e que não respeitam essa diversidade, uma vez que todas as aulas são programadas e vendidas em vídeo sem saber quais as características dos alunos que a praticarão.

9 As manchetes citadas encontram-se respectivamente nas revistas Boa Forma de Outubro 2003, Janeiro de 2003, Janeiro de 2004 e Dezembro de 2003.

10 A justificativa pelos executantes da coleta era o de estarem realizando um trabalho de prevenção da obesidade. Argumentavam que se tratava de uma das “doenças” mais sérias da atualidade e o seu combate deveria começar no espaço escolar e a sua principal “porta voz” deveria ser a disciplina de Educação Física. Podemos notar que o discurso médico-higienista tão presente na trajetória histórica da Educação Física continua ainda hoje sendo utilizado com muito vigor pelos profissionais da área.

11 Só para ilustrar a fragilidade destas perspectivas de promoção da saúde na escola através da Educação Física levantamos a seguinte pergunta: bulimia e anorexia não são “doenças” tão graves como a obesidade e o excesso de peso?

12 Gostaríamos de esclarecer que não estamos criticando apenas os professores por não buscarem as discussões acadêmicas, mas também a própria academia que dificulta seu acesso às produções realizadas, como por exemplo, a linguagem formal e, muitas vezes, de difícil compreensão com que os textos científicos são escritos. Não podemos deixar de salientar que o governo não incentiva, nem fornece aos professores os elementos adequados para uma formação continuada de qualidade. Outro ponto que queremos deixar claro é que não estamos afirmando que o conhecimento produzido no âmbito acadêmico é superior e ao saber cotidiano do professor da educação básica. O conhecimento produzido na Universidade não deve ser o balizador para a prática do professor, pois acreditamos que os docentes devem problematizar e refletir em cima da sua própria prática pedagógica, amparando-se ou não nas produções acadêmicas, para que desta forma possam estar produzindo e contestando os conhecimentos e não apenas reproduzindo e aceitando determinadas informações.